



REVISTA AMBIENTE CONTÁBIL
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
ISSN 2176-9036

Vol. 14, n. 2, Jul./Dez., 2022

Sítios: <http://www.periodicos.ufrn.br/ambiente>

<http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/Ambiente>

Artigo recebido em: 03.04.2021. Revisado por pares em:
07.11.2021. Reformulado em: 03.12.2021. Avaliado pelo sistema
double blind review.

DOI: 10.21680/2176-9036.2022v14n2ID24672

Responsabilidade social corporativa e o ciclo de vida das empresas brasileiras

Corporate social responsibility and the life cycle of brazilian companies

Responsabilidad social empresarial y ciclo de vida de empresas brasileñas

Autoras

Maria Macileya Azevedo Freire

Mestre em Administração e Controladora (Universidade Federal do Ceará). Instituição vinculada: Centro Universitário Estácio do Ceará - Bolsista do Programa de Pesquisa e Produtividade da Estácio FIC. Endereço: Av. Duque de Caxias, 101 - Centro, CEP: 60035-111 - Fortaleza – CE, Telefone: (85) 4003-6767. Identificadores (ID):
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8167-0473>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3498672119671420>
E-mail: macileya@hotmail.com

Priscila de Azevedo Prudêncio

Mestre em Administração e Controladora (Universidade Federal do Ceará). Endereço: Av. da Universidade, 2431 – CEP: 60020180 – Fortaleza – CE, Telefone (85) 3366.7816. Identificadores (ID):
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4219-3544>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5802554647155029>
E-mail: priscilaprudencio.ufc@gmail.com

Jane Elly Nunes da Costa Lima

Mestre em Administração e Controladoria – UFC. Instituição vinculada: Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN. Endereço: Avenida Celina Viana, 02 – Alto do Sumaré – Mossoró-RN, Telefone: (84) 99809-7282. Identificadores (ID):
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-1313-1144>
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4995781356525825>
E-mail: jane.ellync@gmail.com

Resumo

Objetivo: Analisar a influência do ciclo de vida organizacional no desempenho em Responsabilidade Social Corporativa de empresas brasileiras.

Metodologia: Foram estudadas as organizações que estão listadas na B3 e apresentam informações no banco de dados da CSRHub e do Economatica®, no período de 2014 a 2018. A análise dos dados se deu por meio de estatística descritiva e regressão linear múltipla.

Resultados: Os resultados da pesquisa indicam que o estágio de vida turbulência influencia negativamente as ações de RSC. Enquanto os estágios de nascimento, crescimento, maturidade e declínio não foram estatisticamente significantes. O estágio de turbulência representa um momento difícil para a empresa, marcado pela diminuição de vendas e lucratividade, tal fato pode comprometer os recursos disponíveis para financiar os investimentos em RSC.

Contribuições do estudo: A discussão e resultados do estudo avançam no conhecimento de quais fatores antecedentes, como o ciclo de vida das empresas, são capazes de influenciar o engajamento das empresas em RSC. Além disso, a relação entre RSC e o ciclo de vida ainda é pouco explorada na literatura brasileira, o estudo desse relacionamento pode trazer relevantes contribuições ao apresentar o modo que as empresas se comportam diante de restrições de recursos.

Palavras-chave: Responsabilidade Social Corporativa. Ciclo de vida. Estágios de vida.

Abstract

Purpose: Analyze of the organizational life cycle on the performance in Corporate Social Responsibility of Brazilian companies.

Methodology: Were studied the organizations that are listed in B3 and present information in the CSRHub and Economatica® database, from 2014 to 2018. Data analysis was performed using descriptive statistics and multiple linear regression.

Results: The survey results indicate that the stage of life turbulence negatively influences CSR actions. While the stages of birth, growth, maturity and decline were not statistically significant. The turbulence stage represents a difficult moment for the company, marked by the decrease in sales and profitability, which may compromise the resources available to finance investments in CSR.

Contributions of the Study: The discourse and results of the study advance in the knowledge of which antecedent factors, such as the life cycle of companies, are capable of influencing the engagement of companies in CSR. In addition, the relationship between CSR and the life cycle is still little explored in the Brazilian literature, the study of this relationship can bring relevant contributions by presenting the way companies behave in the face of resource constraints.

Keywords: Corporate social responsibility. Life cycle. Life stages.

Resumen

Objetivo: Analizar la influencia del ciclo de vida organizacional en el desempeño en Responsabilidad Social empresarial de las empresas brasileñas.

Metodología: Estudiamos las organizaciones que están listadas en B3 y presentan información en la base de datos CSRHub y Economatica®, de 2014 a 2018. El análisis de datos se realizó mediante estadística descriptiva y regresión lineal múltiple.

Resultados: Los resultados de la encuesta indican que la etapa de turbulencia de la vida influye negativamente en las acciones de RSE. Sin embargo las etapas de nacimiento, crecimiento, madurez y declive no fueron estadísticamente significativas. La etapa de turbulencia representa un momento difícil para la empresa, marcado por la disminución de las ventas y la rentabilidad, que puede comprometer los recursos disponibles para financiar inversiones en RSE.

Contribuciones del Estudio: El discurso y los resultados del estudio avanzan en el conocimiento de qué factores antecedentes, como el ciclo de vida de las empresas, son antecedentes capaces de incidir en el compromiso de las empresas con la RSE. Además, la relación entre la RSE y el ciclo de vida aún está poco explorada en la literatura brasileña, el estudio de esta relación puede traer contribuciones presentando la forma en que las empresas se comportan frente a las limitaciones de recursos.

Palabras clave: Responsabilidad social empresarial. Ciclo de vida. Etapas de la vida.

1 Introdução

As ações em Responsabilidade Social Corporativa (RSC) vêm crescendo ao longo dos anos, tal fato pode estar atrelado à tendência mundial em investir em empresas classificadas como socialmente responsáveis (Gisbert & Lunardi, 2012). Esse crescimento também está aliado ao aumento das exigências da sociedade em relação à postura da empresa diante de causas socialmente e ambientalmente responsáveis (Aguilera, Rupp, Williams, & Ganapathi, 2007; Carroll & Shabana, 2010).

A RSC diz respeito ao investimento da empresa em relação às questões socioambientais, funcionando como resposta as pressões externas (Campbell, 2007; Hasan & Habib, 2017). Objetivando demonstrar as ações de reponsabilidade social, as empresas passaram a divulgar suas ações e investimentos nessa área (Murcia & Santos, 2009), sendo auxiliada por diversos meios de divulgação, como os relatórios de sustentabilidade (Freitas, Santos, & Crisóstomo, 2018) e o Balanço Social (Degenhart, Mazzuco, & Klann, 2017). Além de mecanismos de divulgação, são comumente elaborados mecanismos de análise do desempenho sustentável, como o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) (Degenhart, Mazzuco, & Klann, 2017; Gisbert & Lunardi, 2012) e o CSRHub (Braune, Charosky, & Hikkerova, 2019).

A respeito da divulgação de informações socioambientais, Zhao & Xiao (2019) argumentam que a divulgação de RSC difere entre as fases do ciclo de vida empresarial e com as expectativas das partes interessadas, uma vez que, as ações de RSC podem estar ligadas a fatores de desempenho econômico e outras variáveis. Para Hasan & Habib (2017), as empresas em diferentes estágios do ciclo de vida estão associadas à diferentes níveis de recursos, tal fato é capaz de afetar o seu posicionamento em relação a investimentos em RSC. Argumenta-se ainda que os investimentos realizados na área variam ao longo do tempo, de acordo com os diferentes estágios do ciclo de vida e também com a capacidade da empresa em obtê-lo (Helfat & Peteraf, 2003).

Comumente, as empresas que estão no estágio de maturidade apresentam melhores resultados em relação ao seu desempenho financeiro, portanto, detendo de uma maior base de recursos. Com recursos disponíveis, as empresas maduras têm maiores condições para direcioná-los em ações socioambientais (Hasan & Habib, 2017). Já as empresas que estão na fase inicial e na fase do declínio do ciclo de vida, tendem a ver as ações de RSC associadas a custos indiretos, de forma que tais gastos não sejam tão interessantes para tais organizações

(Al-Hadi, Chatterjee, Yaftian, Taylor, & Hasan, 2019). Dessa forma, o ciclo de vida da empresa pode ser um fator determinante na tomada de decisão sobre o investimento em Responsabilidade Social Corporativa.

Com base no exposto e na importância que as temáticas de RSC e ciclo de vida denotam nas pesquisas e no ambiente empresarial, surge a pergunta norteadora deste estudo: **Qual a influência do ciclo de vida organizacional no desempenho em Responsabilidade Social Corporativa de empresas brasileiras?** Para responder ao questionamento do estudo, traçou-se como objetivo analisar a influência do ciclo de vida organizacional no desempenho em Responsabilidade Social Corporativa de empresas brasileiras.

Baraibar-Diez e Sotorrío (2018) evidenciam que as estratégias de RSC podem melhorar a reputação da empresa em relação a visão dos *stakeholders*, sendo apresentada como um atributo empresarial de grande valor, assim, possibilita o crescimento da posição competitiva da empresa em relação aos concorrentes (Chinomona & Omoruyi, 2016) e atua como atrativo para investidores. Percebe-se que, as pesquisas sobre aspectos que influenciam no desempenho em Responsabilidade Social Corporativa apresentam relevância ao demonstrar como esse importante recurso é formado, ademais, ao falar das grandes organizações a atuação com RSC e a influência desse fato em âmbito interno e externo é fundamental.

Hasan e Habib (2017) argumentam que o ciclo de vida em que a organização se encontra pode influenciar a estratégia da empresa em relação ao investir ou não em RSC. Desse modo, o ciclo de vida pode ser apontado como um possível fator relevante para a tomada de decisão sobre a realização desses investimentos. Apesar da importância para o mercador e em âmbito organizacional, existe uma incipiência de estudos que relacionam as duas temáticas e a influência entre esses fatores (Hasan & Habib, 2017; Jiraporn & Withisuphakorn, 2016; Zhao & Xiao, 2019), necessitando de maiores avanços e discursões direcionadas.

Considerando que para cada estágio do ciclo de vida os recursos disponíveis são diferentes, espera-se que este estudo contribua para o entendimento de como os estágios do ciclo de vida podem afetar na capacidade das empresas em investir em RSC (Helfat & Peteraf, 2003). A análise de cada um dos estágios de vida pode apresentar reflexos diferentes na decisão da gestão em investimento em RSC. Além disso, pode contribuir com a literatura ao documentar antecedentes capazes de influenciar o engajamento das empresas em RSC como os diferentes estágios do ciclo de vida, idade e rentabilidade da empresa.

2 Revisão da Literatura

2.1 Responsabilidade Social Corporativa e o Ciclo de Vida

A Responsabilidade Social Corporativa refere-se às ações que são aplicadas para além do cumprimento de leis, por vezes assumindo um caráter voluntário (McWilliams & Siegel, 2001). Essas ações podem trazer benefícios para o desenvolvimento mais sustentável da organização, além de possibilitar a melhora no valor da empresa e a construção da imagem diante da sociedade (Servaes & Tamayo, 2013; Wang & Bansal, 2012).

Estudos apresentam a RSC de maneiras distintas, dentre essas, através de mecanismos que possibilitam mensurar o seu desempenho, tais como, o Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) das empresas listadas na B3 (Degenhart *et al.*, 2017; Silva & Lucena, 2019), Balanço Social do Modelo IBASE (2019), que evidencia os benefícios sociais e ambientais trazidos pela empresa (Degenhart *et al.*, 2017), e o banco internacional de dados CSRHub (Braune, Charosky, & Hikkerova, 2019). O CSRHub apresenta indicadores de RSC considerando os aspectos relativos aos funcionários, meio ambiente, comunidade e governança (Arminen, Puumalainen, Pätäri, & Fellnhofner, 2018).

A RSC apresenta-se como elemento de destaque na atuação empresarial, ao passo que a representatividade de empresas socialmente responsáveis é um fator importante para os *stakeholders* (Rao & Tilt, 2016). Assim, percebe-se a existência de uma série de determinantes ligados ao ambiente institucional e o contexto em que ela está inserida (Almeida, Silva, & Oliveira, 2015). Nesse aspecto, têm-se o ciclo de vida da empresa como importante determinante no investimento em RSC (Hasan & Habib, 2017). O Ciclo de Vida parte do pressuposto de que as empresas passam por estágios ao longo de sua existência, apresentando etapas que correspondem as suas estruturas organizacionais e as estratégias (Moore & Yuen, 2001).

Para Dickinson (2011), o ciclo de vida é dividido em fases que estão ligadas a alteração de padrões de fluxo de caixa, resultantes de atividades realizadas pela empresa, quais sejam: fase de nascimento/introdução, crescimento, maturidade, turbulência (*shake-out*) e declínio. Considerando o modelo de Dickinson (2011), dentro dos estágios de vida, as empresas mais jovens são tidas como aquelas em seu estágio de nascimento, diferentemente das empresas mais maduras que são consideradas mais consolidadas no mercado.

As empresas mais jovens tendem a reinvestir todo o seu fluxo de caixa livre visando alavancar o crescimento de forma mais rápida (Rink, Roden, & Fox, 1999; Scott & Bruce, 1987). Enquanto que as empresas mais maduras, por terem maior estabilidade, possuem maior segurança para investir em outros elementos organizacionais, como em RSC (Miller & Friesen, 1984). Organizações que se encontram em declínio denotam reflexo nas vendas e lucros organizacionais, considerados minimizados (Steiner, 1969), tendendo a aplicarem seus recursos em novos produtos, ao passo que necessitam de um equilíbrio financeiro (Gup & Agrawal, 1996; Rink, Roden, & Fox, 1999).

Ressalta-se que o declínio não significa necessariamente a falência da empresa, uma vez que, organizações podem sofrer mudanças e ter um rápido aumento de vendas em qualquer fase, interferindo no seu estágio de vida (Gup & Agrawal, 1996). Diante dos elementos supracitados, percebe-se que a fase de vida em que a empresa se encontra pode interferir em suas escolhas, o que pode refletir nas decisões de investimento da empresa (Zhao & Xiao, 2019).

Os recursos gastos em investimento em RSC podem impossibilitar que todas as organizações sejam capazes de inserir esse atributo em sua empresa. Para Hasan e Habib (2017) apesar de ser um recurso caro, o benefício marginal do investimento em RSC pode ser maior para empresas mais jovens e para as mais maduras. Para as empresas mais jovens justifica-se por trazer mais visibilidade para essas empresas que estão iniciando a sua jornada. Já para as empresas mais maduras, justifica-se pela maior capacidade financeira disponível, portanto elas podem investir mais na variação de portfólio que seja atrativo para o cliente.

A partir do exposto, argumenta-se que os diferentes estágios do ciclo de vida de uma empresa estão associados com recursos financeiros diferentes (Hasan & Habib, 2017), o que pode moldar a capacidade de investimento em RSC (Hasan & Habib, 2017; Jiraporn & Withisuphakorn, 2016). Tendo por embasamento as considerações explicitadas sobre a capacidade financeira para realização de investimentos, considerando as fases de vida da empresa evidenciadas por Dickinson (2011), argumenta-se que a capacidade e os incentivos das empresas em divulgar atividades de RSC variam de acordo com os diferentes estágios do ciclo de vida.

2.2 Hipóteses de Pesquisa

Cada fase de vida organizacional é caracterizada por tipos específicos de investimento, o que pode influenciar na manifestação de recursos em RSC. Nessa perspectiva, pesquisas vêm mostrando que a disponibilidade de recursos é um dos fatores para a decisão de investir em RSC (Campbell, 2007; McWilliams & Siegel, 2001) e que essa disponibilidade é reflexo de ações das entidades, dentre essas ações encontra-se os estágio de ciclo de vida (Costa, Macedo, Yokoyama, & Almeida, 2017).

Dentre os estágios de ciclo de vida considerados no modelo de Dickinson (2011), (nascimento, crescimento, maturidade, turbulência e declínio), estudos evidenciam que cada um deles repercutem nas decisões de investimento (Zhao & Xiao, 2019). Nesse contexto, pesquisas vêm relacionando o investimento em RSC ao estágio do ciclo de vida (Hasan & Habib, 2017; Zhao & Xiao, 2019). A fase de vida em que a empresa se encontra pode interferir em suas escolhas e influenciar nas ações da entidade (Zhao & Xiao, 2019). Tais ações podem estar relacionadas as decisões sobre as estruturas organizacionais, estratégias, processamento de informação e estilos de tomada de decisão (Helfat & Peteraf, 2003).

Argumentos sugerem que as empresas mais jovens tendem a ter fluxos de caixa mais imprevisíveis, portanto, portam menos recursos para investimentos de longo prazo, como em ações de RSC (Jiraporn & Withisuphakorn, 2016). As empresas mais jovens, geralmente consideradas no estágio de nascimento, são mais propensas a investirem seus recursos no seu próprio crescimento (Rink *et al.*, 1999; Scott & Bruce, 1987), desta forma, não visando tão fortemente os fatores considerados diferenciais competitivos ou de cuidados com o ambiente em que estão inseridas. Diante disso, traçou-se a Hipótese 1:

Hipótese 1: O estágio de vida nascimento das empresas influencia negativamente no desempenho de Responsabilidade Social Corporativa.

As organizações que se encontram em estágio de crescimento, por estarem em ascensão, buscam alternativas que as tornem mais concretizadas no mercado, focando na realização de investimentos (Costa *et al.*, 2017). As empresas em estágio de crescimento vão optar por investir seus recursos em instrumentos que as tornem maiores e mais atrativas, principalmente que traga uma maior perspectiva do aumento de vendas (Bulan & Yan, 2010). Um dos investimentos que pode ser atrativo para empresas em crescimento são as ações em Responsabilidade Social Corporativa, pois elas podem trazer uma melhora da visibilidade da empresa diante da sociedade (Baraibar-Diez & Sotorrió, 2018). Desse modo, argumenta-se que:

Hipótese 2: O estágio de vida crescimento das empresas influencia positivamente no desempenho de Responsabilidade Social Corporativa.

No que diz respeito às empresas que se encontram no estágio de maturidade, Hasan e Habib (2017) evidenciam que organizações que se encontram nessa fase investem mais em atividades relacionadas à RSC, denotando ainda que o tamanho da empresa e a rentabilidade moderam a relação entre o estágio do ciclo de vida e a RSC. Ademais, as empresas mais maduras podem ser mais estáveis em termos de desempenho e fluxos de caixa, tornando possível investir mais em RSC (Jiraporn & Withisuphakorn, 2016). A fase de maturidade, por ser a mais estabilizada, corresponde às organizações que tendem a ousar mais e não focar somente no crescimento financeiro da empresa, investindo em elementos de maior destaque e bem-estar social. Desta forma, traçou-se a hipótese de que:

Hipótese 3: O estágio de vida maturidade das empresas influencia positivamente no desempenho de Responsabilidade Social Corporativa.

O estágio de turbulência é marcado por período adverso de atuação, ocorrência de uma crise, o que faz com que a organização tenha queda em vendas e lucratividade (Costa *et al.*, 2017). Esse estágio pode ser transitório (Lester, Parnell, & Carraher, 2003), apresenta-se como um momento difícil para a empresa, em que ela dispõe de poucos recursos para investir em estratégias ligadas a cuidados com o ambiente em que está inserida, sendo mais propensas a reduzir investimentos, buscando a venda de ativos para a geração de caixa, e a minimização de custos para se recuperar (Dickinson, 2011), portanto, possivelmente não investindo em RSC ou diminuindo seus investimento nessa área (Hasan & Habib, 2017). Nessa perspectiva, traçou-se a hipótese:

Hipótese 4: O estágio de turbulência das empresas influencia negativamente no desempenho de Responsabilidade Social Corporativa.

A fase do declínio de vida organizacional é apontada como de menor investimento, por possuir fragilidades particulares, apresentando receitas de vendas estagnadas ou decrescentes (Costa *et al.*, 2017). As organizações nessa fase tendem a se privar de fazer maiores investimentos, buscando principalmente se reestabelecer no mercado, com a entrada de novos produtos em busca de um equilíbrio financeiro (Gup & Agrawal, 1996; Rink *et al.*, 1999). Assim, considerando que o compromisso com a RSC pode estar negativamente relacionado com restrições financeiras (Zhao & Xiao, 2019) e com base nos argumentos supracitados, infere-se a seguinte hipótese:

Hipótese 5: O estágio de declínio das empresas influencia negativamente no desempenho de Responsabilidade Social Corporativa.

Diante das argumentações tem-se, portanto, que o ciclo de vida da empresa pode ser um fator determinante para as decisões de investimento em RSC, pois dependendo do estágio em que se encontra, poderá buscar maiores estratégias de Responsabilidade Social Corporativa.

3 Procedimentos Metodológicos

3.1 População ou Amostra

A população do estudo consiste em todas as empresas listadas na B3, totalizando 377 companhias. A amostra é composta por todas as organizações que estão na B3 ao longo de 2014 a 2018 e apresentam, ao mesmo tempo, informações nos bancos de dados da CSRHub e no Economática®. Ao realizar a interseção das empresas que apresentam todas essas informações chegou-se a um total de 411 observações.

O banco de dados CSRhub foi escolhido para o estudo por apresentar o desempenho das empresas em relação as ações de Responsabilidade Social Corporativa. Além disso, o uso do CSRHub já é consolidado em literatura prévia (Braune *et al.*, 2019; Lin, Hung, Chou, & Lai, 2019; Vaia, Bisogno, & Tommasetti, 2017; Yasser, Al Mamun, & Ahmed, 2017).

3.2 Definição de Variáveis e Base de Dados

O estudo tem como variável dependente a Responsabilidade Social Corporativa medida pela métrica do CSRHub. Oportuno mencionar que a métrica do CSRHub é elaborada a partir de quatorze indicadores agrupados em quatro grandes categorias, a saber: empregados, comunidade, meio ambiente e governança. A média dessas quatro categorias forma a métrica geral de RSC, as quais são padronizadas e recebem uma pontuação que varia de 0-100 (Braune *et al.*, 2019; Lin, Hung, Chou, & Lai, 2019).

As variáveis independentes do estudo são ciclo de vida das empresas, desempenho, tamanho da empresa, idade, setor de atuação e ano. Para a construção da variável independente ciclo de vida organizacional, considerou-se o modelo de Dickinson (2011) que tem como base o fluxo de caixa (operacional, investimento e financiamento) da empresa, para mensurar o estágio de ciclo de vida em que ela se encontra. A partir do cálculo do fluxo de caixa, o ciclo de vida da empresa é categorizado nas seguintes fases: nascimento, crescimento, maturidade, turbulência e declínio. O Tabela 1 apresenta as fases do ciclo de vida conforme o modelo de Dickinson (2011).

Tabela 1:

Modelo de Dickinson

Fluxo de Caixa	Nascimento	Crescimento	Maturidade	Turbulência	Declínio
Operacional	-	+	+	(+/-)	-
Investimento	-	-	-	(+/-)	+
Financiamento	+	+	-	(+/-)	(+/-)

Fonte: Adaptado de Dickinson (2011).

O modelo de Dickinson (2001) apresenta-se como um dos elementos mais utilizados e mais concretos no que diz respeito à mensuração do comportamento do ciclo de vida, nesse ínterim, apresentando os estágios considerando o fluxo de caixa evidenciado pelas organizações (Pinheiro, Silva, & Araújo, 2013).

A respeito das demais variáveis dependentes do estudo, o desempenho é medido pela variável de retorno sobre o ativo (ROA), o tamanho da empresa é mensurado pelo *logaritmo* natural do total de ativos, a idade compreende a diferença entre o ano base e o ano da constituição. Também foram incluídos no modelo o setor e ano para controlar a variação ao longo do tempo e entre os setores. A tabela 2 apresenta o resumo das variáveis, operacionalização, fonte de coleta e suporte teórico adotado.

Tabela 2:

Variáveis utilizadas na pesquisa

Variável	Operacionalização	Fonte de Coleta	Suporte teórico
Variável Dependente			
Responsabilidade Social Corporativa (RSC)	Dimensão geral do CSRHub	Base de dados CSRHub	Braune et al., 2019; Vaia, Bisogno, & Tommasetti, 2017; Yasser, Al Mamun, & Ahmed., 2017.
Variáveis Independentes			
Ciclo de vida (CV)	Fluxo de caixa- modelo de Dickinson (2011)	Economatica®	Hasan & Habib, 2017

Tamanho da empresa (TAM)	Logaritmo natural ativo total	Economatica®	Ricardo, Barcellos, & Bortolon, 2017; Udayasankar, 2008
Rentabilidade (ROA)	Razão entre o lucro líquido e ativo total	Economatica®	Al-Shaer & Zaman, 2016; Fuente, García-Sánchez, & Lozano, 2017; Hasan & Habib, 2017
Idade (IDAD)	Diferença entre o ano base e o ano da constituição	Formulário Cadastral	Hasan & Habib, 2017
Setor	Variável categórica de setor de atuação	Economatica®	Hasan & Habib, 2017
Ano	<i>Dummy</i> para cada ano da observação	Economatica®	Hasan & Habib, 2017

Fonte: Dados da Pesquisa.

3.4 Técnica de Análise de Dados

Para a análise dos dados fez-se uso da estatística descritiva dos dados de RSC, ciclo de vida, tamanho da empresa e desempenho. Com o objetivo de analisar a influência do ciclo de vida organizacional na Responsabilidade Social Corporativa de empresas brasileiras, foi proposto o modelo econométrico do estudo apresentado na Equação 1.

$$RSC = \beta_0 + \beta_1 CV_{it} + \beta_2 ROA_{it} + \beta_3 TAM_{it} + \beta_4 IDAD_{it} + \beta_5 SETOR_{it} + \beta_6 ANO_{it} + \varepsilon_{it}$$

Equação 1

Os modelos foram estimados pelo método dos Mínimos Quadrados Ordinários (OLS), apresentando robustez à heterocedasticidade. Adicionalmente, realizou-se o teste VIF (*Variance Inflation Factor*) para diagnosticar multicolinearidade. Para a tabulação dos dados foi usado o *Microsoft Excel 2010*® e para análise dos dados contou-se com o auxílio do *Stata 16*®.

4 Resultados e Análises

A Tabela 3 mostra a estatística descritiva da responsabilidade social, medida pela média geral do CSRHub, por estágio do ciclo de vida. A média geral é composta pelas dimensões de empregados, comunidade, meio ambiente e governança corporativa.

Tabela 3*Estatística descritiva dimensão geral CSRHub e os estágios do ciclo de vida*

Ciclo de vida	Obs	Média	Desvio padrão	Coef. de variação	Máximo	Mínimo
Nascimento	45	55,80	7,48	0,13	68,00	38,00
Crescimento	86	55,63	5,45	0,10	65,00	43,00
Maturidade	153	55,19	5,67	0,10	69,00	37,00
Turbulência	65	53,94	5,99	0,11	64,00	42,00
Declínio	62	56,13	4,98	0,09	68,00	45,00
Total	411	55,29	5,82	0,11	69,00	37,00

Fonte: dados da pesquisa (2020).

Observa-se que, o ciclo de vida declínio apresenta a maior média de responsabilidade social corporativa (56,13), seguido do nascimento (55,80) e do crescimento (55,63). Em todos os estágios de vida, os dados encontram-se pouco dispersos e homogêneos em torno da média (ver desvio padrão e coeficiente de variação). Observa-se também que o estágio da maturidade apresentou máximo de 69 e mínimo de 37, configurando-se, respectivamente, o maior e menor valor do grupo.

Em relação ao resultado observado no estágio declínio, observa-se um primeiro indicativo de confronto com o estudo de Hassan e Habib (2017) que evidencia que o investimento em RSC apresenta pior média quando a empresa está na fase de nascimento ou declínio, justificando-se pelo fato de os recursos financeiros estarem limitados e reduzidos, e os investimentos em RSC serem vistos como valores que podem comprometer o retorno dos acionistas. A Tabela 4 apresenta o resultado da estatística descritiva em relação a cada dimensão da métrica geral do CSRHub e o estágio do ciclo de vida.

Tabela 4*Estatística descritiva das quatro dimensões do CSRHub e os estágios do ciclo de vida*

Comunidade					
Ciclo de vida	Média	Desvio padrão	Coef. de variação	Máximo	Mínimo
Nascimento	55,48	8,22	0,15	72,00	38,00
Crescimento	55,52	6,66	0,12	71,50	40,30
Maturidade	55,69	6,95	0,12	77,50	36,00
Turbulência	53,88	6,85	0,13	66,00	38,00
Declínio	56,22	6,60	0,12	72,00	42,00
Empregado					
	Média	Desvio padrão	Coef. de variação	Máximo	Mínimo
Nascimento	57,67	11,05	0,19	75,00	26,66
Crescimento	59,03	7,90	0,13	74,00	38,00
Maturidade	57,66	8,85	0,15	81,00	33,00
Turbulência	55,78	8,26	0,15	72,00	38,66
Declínio	58,84	8,57	0,15	82,00	37,00
Meio ambiente					
	Média	Desvio padrão	Coef. de variação	Máximo	Mínimo
Nascimento	60,41	8,85	0,15	87,67	43,00
Crescimento	58,75	7,41	0,13	75,00	42,67
Maturidade	58,54	6,78	0,12	80,00	40,67
Turbulência	57,90	7,77	0,13	71,00	38,33
Declínio	60,16	6,59	0,11	73,00	45,33
Governança					

	Média	Desvio padrão	Coef. de variação	Máximo	Mínimo
Nascimento	49,29	6,70	0,14	61,00	34,00
Crescimento	49,06	4,78	0,10	58,66	37,00
Maturidade	48,39	6,00	0,12	63,00	30,67
Turbulência	47,56	6,06	0,13	61,50	35,00
Declínio	48,67	4,78	0,10	59,67	40,33

Fonte: dados da pesquisa.

Para a dimensão de Comunidade, a maior média de pontuação correspondeu as empresas que estão no ciclo declínio (56,2), seguindo da maturidade (55,69) e do crescimento (55,52). Já para a dimensão de Empregados a média para as empresas que estão na fase de crescimento foi de 59,03, seguido daquelas que estão em declínio (58,84). A dimensão meio ambiente apresentou maior média para a fase de nascimento, na mesma direção encontra-se a dimensão de governança que apresentou maior média para as empresas que estão no estágio de nascimento do ciclo de vida. De uma maneira geral, os dados demonstraram-se homogêneos, apresentando baixo desvio padrão e baixo coeficiente de variação, desta forma, denotando boa representatividade. A Tabela 5 apresenta a estatística descritiva das variáveis tamanho e ROA.

Tabela 5

Estatística descritiva do tamanho e ROA

Estatística Descritiva	Obs	Tamanho				Teste F	ROA				Teste F
		Média	Desvio padrão	Máx	Mín		Média	Desvio padrão	Máx	Mín	
Nascimento	45	13,3	2,6	17,4	5,8	13,3***	12,7	37,6	245,2	0,01	3,9**
Crescimento	86	14,4	1,9	20,5	8,5		8,3	25,1	216,0	0,01	
Maturidade	153	14,3	2,4	20,9	6,3		9,9	17,0	178,5	0,00	
Turbulência	65	13,0	4,3	21,2	-2,4		47,5	240,1	1842,8	0,00	
Declínio	62	11,3	4,0	17,2	2,4		81,7	254,2	1650,8	0,01	
Total	411	13,6	3,2	21,2	-2,4		26,7	140,4	1842,8	0,00	

Nota: Obs corresponde ao número de observações. Total corresponde a estatística descritiva de toda a amostra. Teste F corresponde a estatística F da Anova. *, **, *** denotam significância de 10%, 5% e 1%, respectivamente.

Fonte: dados da pesquisa.

Verifica-se que as empresas apresentam a média de tamanho de 13,6. O retorno sobre o ativo das empresas demonstra o retorno gerado por cada um real investido em ativos. Desse modo, observa-se que a média do ROA apresentou-se alta, ficando em torno de 26,7. A Tabela 6 apresenta as estimativas dos modelos de regressão que tem como variável dependente a Responsabilidade Social Corporativa medida pelo CSRHub e, como variáveis independentes os diferentes estágios do ciclo de vida, tamanho, ROA, idade, setor e ano.

Tabela 6*Métrica geral de Responsabilidade Social Corporativa e os diferentes estágios do ciclo de vida.*

Variável dependente: Média geral CSRHub					
Variável	Modelo 1	Modelo 2	Modelo 3	Modelo 4	Modelo 5
Nascimento	0,504 (0,999)				
Crescimento		0,361 (0,633)			
Maturidade			-0,149 (0,532)		
Turbulência				-1,438 ** (0,746)	
Declínio					0,973 (0,644)
Tamanho	0,277 *** (0,082)	0,270 *** (0,082)	0,279 *** (0,083)	0,269 *** (0,082)	0,307 *** (0,086)
ROA	0,005 *** (0,001)	0,005 *** (0,001)	0,005 *** (0,001)	0,005 *** (0,001)	0,005 ** (0,001)
Idade	0,030 *** (0,009)	0,031 *** (0,009)	0,030 *** (0,030)	0,032 *** (0,008)	0,030 *** (0,009)
Setor	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Ano	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Constante	50,249 *** (1,670)	50,335 *** (1,659)	50,312 *** (1,660)	50,645 *** (1,675)	49,646 *** (1,728)
Obs	411	411	411	411	411
F	9,54 ***	8,99 ***	9,14 ***	9,28 ***	9,15 ***
R2	0,288	0,288	0,288	0,295	0,291
VIF	1,82	1,83	1,82	1,82	1,83

*Obs corresponde ao número de observações. Teste F corresponde a estatística F da Regressão. *, **, *** denotam significância de 10%, 5% e 1%, respectivamente.*

Fonte: dados da pesquisa.

De maneira geral, os modelos apresentaram significância de 1%, desse modo, pode-se tirar conclusões a respeito das variáveis. Sobre os modelos 1 e 2, observa-se que o ciclo de vida nascimento e crescimento, respectivamente, não denotam influência significativa sobre a Responsabilidade Social Corporativa. Desse modo, rejeita-se as hipóteses de que o estágio de vida nascimento influencia negativamente no desempenho de Responsabilidade Social Corporativa (Hipótese 1) e de que o estágio de vida crescimento influencia positivamente no desempenho de Responsabilidade Social Corporativa (Hipótese 2).

O modelo 3 apresenta que o ciclo de vida maturidade não influencia na RSC. Portanto, rejeita-se a hipótese de que o estágio de vida maturidade influencia positivamente no desempenho de Responsabilidade Social Corporativa (Hipótese 3). Esse resultado vai em direção contrária aos achados de Hasan e Habib (2017). Os autores argumentam que a maturidade das empresas está associada a iniciativas mais altas de RSC, comumente associada ao fato de ser um estágio que representa estabilidade financeira para a companhia.

Os resultados indicam a influência negativa da fase turbulência na Responsabilidade Social Corporativa. Pode-se então confirmar a hipótese de que o estágio de turbulência influencia negativamente no desempenho de Responsabilidade Social Corporativa (Hipótese

4). O estágio de turbulência representa um momento difícil para a empresa, marcado pela diminuição de vendas e lucratividade (Costa *et al.*, 2017). Esse período se caracteriza também por ser transitório (Lester, Parnell., & Carraher, 2003), de modo que as decisões estratégicas de investimentos são cruciais para a melhora da situação da empresa.

Apesar dos investimentos em responsabilidade social corporativa trazer uma melhora para a visibilidade da empresa e proporcionar vantagens competitivas (Baraibar-Diez & Sotorrió, 2018; Chinomona & Omoruyi, 2016), o resultado encontrado implica que as empresas que estão em turbulência têm menores investimentos em RSC. Possivelmente tal resultado está atrelado ao pouco recurso disponível para investir livremente, nesse caso, tornando-se difícil para a organização destinar montantes para investimentos em RSC (Costa *et al.*, 2017; Hasan & Habib, 2017).

Os resultados exibem que a fase de declínio não apresenta influência sobre a RSC, rejeitando então a hipótese de que o estágio de declínio influencia negativamente no desempenho de Responsabilidade Social Corporativa (Hipótese 5). Quando a empresa se encontra em declínio, a sua vida organizacional se encontra frágil, buscando estratégias mais seguras para tentar se reestabelecer no mercado (Zhao & Xiao, 2019), contudo não se pode afirmar estatisticamente que isso possa influenciar no investimento em RSC.

Quanto as variáveis de controle - tamanho, ROA e idade - observou-se que apresentam influência significativa e positiva na responsabilidade social corporativa. Esse resultado vai de encontro com a literatura (Al-Hadi *et al.*, 2019; Hasan & Habib, 2017; Ricardo, Barcellos, & Bortolon, 2017).

5 Considerações Finais

O estudo teve como objetivo analisar a influência do ciclo de vida organizacional na Responsabilidade Social Corporativa. A partir do problema e objetivo do estudo foram aplicadas técnicas estatísticas que pudessem responder e contribuir para a temática. De forma inicial, diante da análise descritiva realizada em cada estágio de vida, evidenciou-se que as empresas que estão no estágio de vida declínio denotaram maior média de investimento em RSC, seguido do nascimento e do crescimento.

Ao analisar isoladamente as dimensões expostas no CSRHub, observou-se que para a dimensão Comunidade, a maior média de pontuação correspondeu as empresas que estão no ciclo declínio; já para a dimensão de Empregados as empresas que estão na fase de crescimento; quanto a dimensão Meio Ambiente correspondeu a fase de nascimento, na mesma direção encontra-se a dimensão de governança. Desta forma, verifica-se qual o principal destaque dimensional referente ao ciclo de vida das empresas, possibilitando inferir onde se concentra o investimento em RSC em organizações que se apresentam nesses estágios de vida diante da amostra inferida.

Ao analisar o papel do ciclo de vida organizacional na Responsabilidade Social Corporativa, o estudo denotou influência significativa para o estágio de vida turbulência. Nesse estágio as empresas se encontram em um período de restrições financeiras, necessitando diminuir gastos para tentar retomar um desempenho mais consistente, o que impacta na diminuição de investimento em ações de RSC. Portanto, o estudo confirmou a hipótese de que o estágio de turbulência influencia negativamente no desempenho de Responsabilidade Social Corporativa (Hipótese 4).

A partir da análise da influência do ciclo de vida organizacional na Responsabilidade Social Corporativa foi possível compreender que o estágio de vida da empresa pode intervir para realização de investimentos específicos, como o desenvolvimento social responsável. A

RSC é um atributo de grande relevância para as organizações, desse modo, a pesquisa apresenta contribuições por apresentar indicativos de que empresas que estão em situação de turbulência têm menor investimentos em RSC. Tais achados contribuem para a tomada de decisão de investidores e *stakeholders* que estão preocupados com o alinhamento das empresas e o social.

Como limitação de estudo tem-se a amostra de pesquisa, uma vez que compreende somente empresas brasileiras não possibilitando inferir os mesmos resultados em outros mercados. Para pesquisas futuras, sugere-se a análise da divulgação de RSC e o ciclo de vida organizacional fazendo uso de outras medidas ligadas a responsabilidade ambiental das empresas. Sugere-se ainda, a replicação do estudo em mercados distintos para análise de semelhanças e diferenças considerando suas particularidades.

Referências

- Aguilera, R. V., Rupp, D. E., Williams, C. A., & Ganapathi, J. (2007). Putting the s back in corporate social responsibility: A multilevel theory of social change in organizations. *Academy of Management Review*, 32(3), 836–863. Doi:10.5465/AMR.2007.252756.
- Al-Hadi, A., Chatterjee, B., Yaftian, A., Taylor, G., & Hasan, M. M. (2019). Corporate social responsibility performance, financial distress and firm life cycle: evidence from Australia. *Accounting and Finance*, 59(2), 961–989. Doi:10.1111/acfi.12277.
- Al-Shaer, H., & Zaman, M. (2016). Board gender diversity and sustainability reporting quality. *Journal of Contemporary Accounting and Economics*, 12(3), 210–222. Doi:10.1016/j.jcae.2016.09.001.
- Almeida, T. A., Silva, J. D., & Oliveira, M. C. (2015). Responsabilidade Social Coporativa e a influência de aspectos do ambiente institucional: uma análise no setor bancário brasileiro. *Revista Universo Contábil*, 11(4), 44–62. Doi:10.4270/ruc.201543.
- Arminen, H., Puumalainen, K., Pätäri, S., & Fellnhofer, K. (2018). Corporate social performance: inter-industry and international differences. *Journal of Cleaner Production*, 177, 426–437. Doi:10.1016/j.jclepro.2017.12.250.
- Babie, E. (2005). *Métodos de pesquisa de survey* (3º ed). Belo Horizonte: UFMG.
- Baraibar-Diez, E., & Sotorrío, L. L. (2018). O efeito mediador da transparência na relação entre responsabilidade social corporativa e reputação corporativa. *Revista Brasileira de Gestao de Negocios*, 20(1), 5–21. Doi:10.7819/rbgn.v20i1.3600.
- Braune, E., Charosky, P., & Hikkerova, L. (2019). Corporate social responsibility, financial performance and risk in times of economic instability. *Journal of Management and Governance*, 23(4), 1007–1021. Doi:10.1007/s10997-019-09476-y.
- Bulan, L. T., & Yan, Z. (2010). Firm Maturity and the Pecking Order Theory. *International Journal of Business and Economics*, 9(179–200). Doi:10.2139/ssrn.1760505.
- Campbell, J. L. (2007). Why would corporations behave in socially responsible ways? An institutional theory of corporate social responsibility. *Academy of Management Review*, 32(3), 946–967. Doi:10.5465/AMR.2007.25275684.

- Carroll, A. B., & Shabana, K. M. (2010). The business case for corporate social responsibility: A review of concepts, research and practice. *International Journal of Management Reviews*, 12(1), 85–105. Doi:10.1111/j.1468-2370.2009.00275.x.
- Chinomona, E., & Omoruyi, O. (2016). The influence of CSR, innovation and supply chain partnership on firm competitiveness. *Risk Governance and Control: Financial Markets and Institutions*, 6(4), 345–354. Doi:10.22495/rgcv6i4c2art12.
- Costa, W., Macedo, M., Yokoyama, K., & Almeida, J. (2017). The Determinants of the Life Cycle Stages of Brazilian Public Companies: A Study Based on Financial Accounting Variables. *Brazilian Business Review*, 14(3), 304–320. Doi:10.15728/bbr.2017.14.3.3.
- Degenhart, L., Mazzuco, M. S. A., & Klann, R. C. (2017). Relevância das informações contábeis e a responsabilidade social corporativa de empresas brasileiras. *BASE - Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos*, 14(3), 157–168. Doi:10.4013/base.2017.143.01.
- Dickinson, V. (2011). Cash Flow Patterns as a Proxy for Firm Life Cycle. *The accounting review*, 86(6), 1969–1994.
- Freitas, M. R. O., Santos, S. M., & Crisóstomo, V. L. (2018). Nível de abrangência da informação ambiental divulgada nos relatórios de sustentabilidade de empresas brasileiras com potencial de impacto ao meio ambiente. *Revista Contabilidade e Controladoria*, 10(3), 143-161. Doi:10.5380/rcc.v10i3.64099.
- Fuente, J. A., García-Sánchez, I. M., & Lozano, M. B. (2017). The role of the board of directors in the adoption of GRI guidelines for the disclosure of CSR information. *Journal of Cleaner Production*, 141, 737–750. Doi:10.1016/j.jclepro.2016.09.155.
- Gisbert, A., & Lunardi, V. (2012). The evolution of CSR across listed brazilian firms. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade (REPeC)*, 6(1), 81–99.
- Gup, & Agrawal. (1996). The Product Life Cycle: A Paradigm for Understanding Financial Management. *Financial Practice and Education*, 41–48.
- Hasan, M. M., & Habib, A. (2017). Corporate life cycle, organizational financial resources and corporate social responsibility. *Journal of Contemporary Accounting and Economics*, 13(1), 20–36. Doi:10.1016/j.jcae.2017.01.002.
- Helfat, C. E., & Peteraf, M. A. (2003). The dynamic resource-based view: Capability lifecycles. *Strategic Management Journal*, 24(10), 997–1010. Doi:10.1002/smj.332.
- Jiraporn, P., & Withisuphakorn, P. (2016). The effect of firm maturity on corporate social responsibility (CSR): Do older firms invest more in CSR? Pornsit Jiraporn. *Applied Economics Letters*, 23(4), 298–301.
- Lester, D. L., Parnell, J. A., & Carraher, S. (2003). Organizational life cycle: a five-stage empirical scale. *The International Journal of Organizational Analysis*, 11(4), 339–354. Doi:10.1108/eb028979 Permanent.

- Lin, L., Hung, P. H., Chou, D. W., & Lai, C. W. (2019). Financial performance and corporate social responsibility: Empirical evidence from Taiwan. *Asia Pacific Management Review*, 24(1), 61–71. Doi:10.1016/j.apmr.2018.07.001.
- McWilliams, A., & Siegel, D. (2001). Corporate social responsibility: A theory of the firm perspective. *Academy of Management Review*, 26(1), 117–127. Doi:10.5465/AMR.2001.4011987.
- Miller, D., & Friesen, P. H. (1984). A longitudinal study of the corporate life cycle, 30(10), 1161–1183.
- Moore, K., & Yuen, S. (2001). Management accounting systems and organizational configuration: A life-cycle perspective. *Accounting, Organizations and Society*, 26, 351–389. Doi:10.1016/S0361-3682(00)00040-4.
- Murcia, F. D., & Santos, A. dos. (2009). Fatores determinantes do nível de disclosure voluntário das companhias abertas no Brasil. *Revista de Educação e Pesquisa em Contabilidade*, 3(2), 72–95. Doi:10.17524/repec.v3i2.68.
- Pinheiro, R. W., Silva, W. A. C., & Araújo, E. A. T. (2013). Análise conjunta do ciclo de vida e da longevidade empresarial : um enfoque em indústria, comércio e agronegócio. *Revista de Negócios*, 18(3), 37–57. Doi:10.7867/1980-An.
- Rao, K., & Tilt, C. (2016). Board diversity and CSR reporting: an australian study. *Meditary Accountancy Research*, 24(2). Doi:http://dx.doi.org/10.1108/MRR-09-2015-0216.
- Ricardo, V. S., Barcellos, S. S., & Bortolon, P. M. (2017). Relatório de sustentabilidade ou relato integrado das empresas listadas na BM&Fbovespa: fatores determinantes de divulgação. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, 11(1), 90–104. Doi:10.24857/rgsa.v11i1.1233.
- Rink, D. R., Roden, D. M., & Fox, H. W. (1999). Financial management and planning with the product life cycle concept. *Business Horizons*, 42(5), 65–72. Doi:10.1016/S0007-6813(99)80077-9.
- Scott, M., & Bruce, R. (1987). Five stages of growth in small business. *Long Range Planning*, 20(3), 45–52. Doi:10.1016/0024-6301(87)90071-9.
- Servaes, H., & Tamayo, A. (2013). The impact of corporate social responsibility on firm value: The role of customer awareness. *Management Science*, 59(5), 1045–1061. Doi:10.1287/mnsc.1120.1630.
- Silva, V. M., & Lucena, W. G. L. (2019). Contabilidade ambiental: análise da participação no índice de sustentabilidade empresarial (ISE) e a rentabilidade das empresas listadas na [B]3. *Revista Gestão & Tecnologia*, 19(2), 109–125. Doi:10.20397/2177-6652/2019.v19i2.1563.
- Steiner, G. A. (1969). Top management planning Macmillan. *New York 1969 Quoted on page 481 of Project Management Handbook*.

- Udayasankar, K. (2008). Corporate Social Responsibility and Firm Size. *Journal of Business Ethics*, 83(2), 167–175. Doi:10.1007/s10551-007-9609-8.
- Vaia, G., Bisogno, M., & Tommasetti, A. (2017). Investigating the relationship between the social and economic-financial performance. *Applied Finance and Accounting*, 3(1), 55. Doi:10.11114/afa.v3i1.2126.
- Wang, T., & Bansal, P. (2012). Social responsibility in new ventures: profiting from a long-term orientation. *Strategic Management Journal*, 33, 1135–1153. Doi:10.1002/smj.
- Yasser, Q. R., Al Mamun, A., & Ahmed, I. (2017). Corporate Social Responsibility and Gender Diversity: Insights from Asia Pacific. *Corporate Social Responsibility and Environmental Management*, 24(3), 210–221. Doi:10.1002/csr.1400.
- Zhao, T., & Xiao, X. (2019). The impact of corporate social responsibility on financial constraints: Does the life cycle stage of a firm matter? *International Review of Economics and Finance*, 63, 76–93. Doi:10.1016/j.iref.2018.08.010.